

Dornbusch volta a criticar Real

■ Economista acha que estabilidade no Brasil é incompleta

MARCIA CARMO

Correspondente

BUENOS AIRES — O economista alemão Rudiger Dornbusch voltou a fazer duras críticas à política econômica brasileira. Primeiro, numa palestra pela manhã, o professor do MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, alertou os mais de mil convidados à reunião da Associação dos Bancos Argentinos para a “sobrevalorização em cerca de 25%” do real em relação ao dólar. “Esta sobrevalorização prejudica o crescimento (por causa das taxas de juros e aumento das importações), num período em que aumentou o consumo, o maior desde o Plano Cruzado”, afirmou.

Dornbusch disse que o Brasil tem uma “estabilidade incompleta”, porque ainda não fez as reformas constitucionais, principalmen-

te a administrativa e a fiscal. Na mesma palestra, Dornbusch argumentou que o presidente Fernando Henrique Cardoso governa com “louros do governo anterior”, numa referência ao real, e que só trabalha com o objetivo da reeleição.

“Por isso, não espero nenhuma grande mudança no Brasil até a próxima eleição”, declarou. O economista afirmou que a classificação de riscos da Argentina só vai melhorar quando esta taxa também melhorar no Brasil. Apesar do alerta, o professor, que previu a crise no México, foi enfático: “Só um idiota faria previsões de catástrofes num país que tem US\$ 52 bilhões de reservas. Mas se não ocorrer mudança de política, o Brasil ficará cada vez mais vulnerável”. E acrescentou: “O Brasil poderia crescer 8%, mas não crescerá nesta taxa enquanto não fizer as reformas. Hoje, Cuba recebe mais investimentos diretos do que o Brasil”.

Berlinda — Depois da palestra, Rudiger Dornbusch passou o dia inteiro dando entrevistas à im-

prensa para repetir as mesmas análises. Apesar das críticas, o economista disse que o presidente Fernando Henrique é uma “figura estabilizadora para investidores estrangeiros, um símbolo de continuidade”.

No segundo dia de reuniões da Associação de Bancos, no Hotel Sheraton, o Brasil esteve na berlinda. Uma pesquisa encomendada pela entidade à consultoria Eduardo D'Alessio & Associados concluiu que o Brasil é o lanterninha numa eleição que inclui a Argentina e o Chile. Os mais de mil convidados para o encontro, que hoje terá maior participação de convidados brasileiros para um debate sobre o Mercosul, deram ao Brasil a nota 5,8, abaixo da média dos países na América Latina. A Argentina ganhou 6,6 e o Chile 7,1.

Nesta escala, de 1 a 10, os tributos que contaram foram fortaleza da economia, competitividade das exportações, fortaleza do sistema político, qualidade de produção, qualidade de pessoal, abertura eco-

nômica e qualidade de vida.

O presidente da Associação de Bancos, Eduardo Escasany, dono do Banco Galicia, que antontem reclamou das restrições que o Brasil ainda mantém às empresas estrangeiras, discordou das críticas de Dornbusch à política econômica brasileira. “Quando se está longe, muitas vezes se tem uma idéia errada da realidade”, disse. “Não concordo com ele”. Para o economista, o Brasil está “mais atrasado” em relação à Argentina exatamente porque não fez as reformas necessárias e que os investimentos chegam em terras brasileiras, não porque o país esteja indo “maravilhosamente bem, mas por ser um país interessante, atraente.”

□ Hoje, a Embaixada do Brasil em Buenos Aires promove a primeira reunião do Conselho de Prefeitos do Corredor Atlântico do Mercosul. Trata-se de um consórcio privado que liga os portos brasileiros e argentinos, desde de Belém, no Pará, a Ushuaya, na Patagônia.